

# UCRÂNIA: CONSCRIÇÃO E CESSAR-FOGO

Por Gabriel Camilli\*



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

*A Ucrânia tem dificuldade em mobilizar jovens para o exército, apesar dos incentivos financeiros; Zelensky teme o impacto de uma mobilização forçada na opinião pública, enquanto Trump o critica por declarações que dificultam a resolução da guerra.*

**O**s números falam por si: menos de 500 jovens ucranianos entre 18 e 24 anos assinaram contratos para se juntar às forças armadas do país sob ataque russo, apesar de o governo oferecer prêmios em dinheiro de até um milhão de *hryvnias*, aproximadamente 25.000 euros. Nem mesmo salários e benefícios comparáveis aos dos soldados de Moscou convenceram os jovens ucranianos a se alistarem. Esses dados, mais do que pesquisas, refletem a percepção coletiva do conflito na Ucrânia e o custo humano que ele está causando.

Por pelo menos seis meses, o governo de Kiev vem sofrendo crescente pressão de seus aliados ocidentais para expandir a mobilização militar para jovens com menos de 25 anos. Homens no governo de Joe Biden estavam pedindo uma redução da idade de alistamento, juntamente com políticos liberais ucranianos como Roman Kostenko e, após a vitória de Donald Trump, também republicanos como Lindsey Graham, apesar de serem geralmente hostis à causa ucraniana.

A lei de mobilização aprovada na primavera de 2024 não produziu os resultados desejados, e o número de novos recrutas permaneceu significativamente menor do que o esperado, apesar do relaxamento dos requisitos médicos, que também incluíam homens que já haviam sobrevivido ao HIV e à tuberculose.

Para evitar o recrutamento forçado da última grande reserva demográfica da Ucrânia, Zelensky lançou o chamado “Contrato Jovem”: uma recompensa financeira mais atraente e a possibilidade de deixar o país temporariamente após servir na linha de frente, além de uma série de benefícios simbólicos resumidos em vídeos atraentes do *TikTok*, projetados com lógica de *marketing*.

De acordo com o sociólogo ucraniano Volodymyr Ishchenko e o blogueiro militar Peter Korotaev, há duas razões principais para a relutância de Zelensky em responder às demandas ocidentais: uma estrutural e outra política.

## A ARMADILHA DEMOGRÁFICA

A primeira razão, explicam os dois pesquisadores (e já dissemos isso várias vezes nesta coluna), refere-se a um profundo problema demográfico. A Ucrânia, mesmo antes da invasão russa em 2022, enfrentava um declínio demográfico significativo. A emigração, a queda da taxa de natalidade e a crise econômica já haviam reduzido a base de jovens do país. Enviar dezenas de milhares de jovens com menos de 25 anos para o *front* correria o risco de comprometer irreparavelmente o futuro econômico, social e produtivo do país.

Sacrificar uma geração inteira em uma guerra de atrito pode, a longo prazo, condenar a Ucrânia a uma frágil reconstrução pós-guerra, com menos trabalhadores, menos contribuintes e menos famílias. Uma perspectiva que aterroriza aqueles que olham além da emergência imediata.

## A CRISE DA LEGITIMIDADE INTERNA

Mas há também uma razão política: Zelensky teme o efeito que uma mobilização forçada e impopular pode ter na opinião pública. Embora o conflito seja apresentado como uma guerra pela sobrevivência da nação, o descontentamento popular está crescendo. O patriotismo que havia animado os primeiros meses da guerra deu lugar a um sentimento generalizado de fadiga, desconfiança e distanciamento.

Por que a Ucrânia está tendo dificuldades para mobilizar seus cidadãos para a luta? Muitos ucranianos chegaram à conclusão de que seu Estado está distribuindo injustamente os encargos e benefícios da guerra.

Segundo Pavlo Palisa, vice-diretor do Gabinete do Presidente, a resposta deve ser universal: “*Todos devem servir, inclusive as mulheres.*” Mas a ideia de que o recrutamento militar obrigatório se torne uma ferramenta brutal e indiscriminada corre o risco de aumentar ainda mais o abismo entre o Estado e uma sociedade cada vez mais cética, empobrecida e medrosa.

## A DIFERENÇA COM A RÚSSIA

O contraste com a Rússia é evidente. Moscou, apesar das sanções e perdas militares, viu um aumento no número de voluntários (embora mais velhos do que a faixa etária do Contrato Jovem ucraniano) nos últimos meses. Segundo muitos

analistas, o fator decisivo não é a propaganda ou a crença em lutar uma guerra “justa”, mas a simples expectativa de vitória. Onde você acha que pode vencer, você luta. Onde a futilidade do sacrifício é temida, as pessoas desertam.

Neste contexto, o chamado “keynesianismo militar” – isto é, a utilização de gastos públicos para apoiar a guerra e a economia através do recrutamento – funciona na Rússia, mas não na Ucrânia. Lá, promessas econômicas não são suficientes. Muitos ucranianos percebem a guerra como uma escolha imposta, em vez de um ato de autodefesa coletiva. Não é apenas o cansaço que determina a relutância: é a desconfiança das elites, dos objetivos da guerra e da capacidade do Estado de proteger aqueles que lutam.

A Ucrânia está, portanto, em uma encruzilhada estratégica. Continuar a ceder à pressão ocidental e promover a mobilização forçada, ou procurar novas formas de manter a coesão interna e motivar a população. A primeira opção corre o risco de enfraquecer ainda mais a já frágil legitimidade do Estado; A segunda exige repensar as prioridades da guerra e da reconstrução.

Uma coisa é certa: sem uma forte conexão entre a liderança política e a sociedade civil, sem um consenso real, nenhum exército será capaz de resistir à longa onda de erosão social e demográfica. E na Ucrânia hoje, a frente mais instável não é a do Donbass, mas a da confiança coletiva.

Enquanto este artigo estava sendo escrito, aconteceu algo que vale a pena destacar: “Donald Trump ataca Volodymyr Zelensky novamente.” E faz isso em um dos estágios mais críticos das negociações para acabar com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. No dia em que as negociações entre Estados Unidos, Ucrânia, Reino Unido, França e Alemanha para encontrar uma posição ocidental comum sobre o futuro da guerra fracassaram após a publicação de um plano dos EUA que incluía o reconhecimento da posse russa da Crimeia e o congelamento da frente de batalha conforme as linhas atuais, Donald Trump criticou o líder de Kiev.

A razão? Comentários de Zelensky ao *Wall Street Journal* sobre a recusa da Ucrânia em reconhecer o controle russo sobre a península do Mar Negro ocupada por Moscou em 2014, após a queda do presidente pró-Rússia da Ucrânia, Viktor Yanukovich, durante a revolta Euromaidan. Sobre a verdade, Trump disse: *“São declarações incendiárias como as de Zelensky que tornam esta guerra tão difícil de resolver.”* O presidente Trump também escreveu que *“a situação da Ucrânia é terrível: ela pode alcançar a paz ou lutar por mais três anos antes de perder o país inteiro”*.

Do jeito que as coisas estão: Acreditamos que acabar com a guerra na Ucrânia não parece ser uma prioridade para Putin, que pode tirar proveito da vantagem tática e operacional na condução das operações, nem para o próprio Zelensky, que parece estar esperando uma surpresa na primavera, sempre esperando pelo apoio europeu, apesar do clima negativo em torno de seu exército.

Trump: É mais fácil para os EUA negociar a paz na Ucrânia com Putin do que com Zelensky. *“Acho que a Federação Russa está pronta. Muitas pessoas disseram que a Rússia estava disposta a fazer qualquer coisa. Acho que temos um acordo com a*

*Rússia; precisamos chegar a um acordo com Zelensky. Achei que seria mais fácil negociar com Zelensky, mas até agora não foi. Acho que chegaremos a um acordo com os dois.” “Espero que eles aceitem”, disse o presidente dos EUA, Trump, respondendo a perguntas da imprensa na Casa Branca.*

Do jeito que as coisas estão, Trump pode, mais cedo ou mais tarde, ter que chegar a um acordo em um esforço de mediação que é completamente árduo.

Publicado no [La Prensa](#).

---

***\*Gabriel Camilli** é coronel da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*

---